

Proletários de todos os países: UNI-VOS

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES

AS CONSERVEIRAS voltam à luta

Após a greve de 7 dias na fábrica Feu & Hermanos de Portimão, após as paralisações e protestos na União Conserveira do Algarve em Mixelhoeira Grande, as operárias conserveiras destas duas empresas voltaram à luta contra as formas desumanas de exploração, contra o trabalho de empreitada, dando novas provas de coragem, de unidade e de firmeza, que devem servir de exemplo e de estímulo a todas as trabalhadoras, na luta pela conquista das suas reivindicações fundamentais e em particular a de aumento de salários.

O esgotante trabalho de empreitada domina na fábrica Feu & Hermanos, como domina em toda a indústria conserveira. Contra ele se levantaram as operárias daquela empresa utilizando, como forma de luta, as concentrações repetidas e numerosas no sindicato, onde reclamaram que fosse posto fim ao regime de empreitada.

O espírito de decisão que manifestaram, a unidade de que deram provas, a disposição de luta de que se sentiam animadas forçaram os dirigentes sindicais e o patronato a considerar devidamente a sua justa reclamação. Foi-lhes comunicado na empresa que não haveria mais empreitadas.

Na União Conserveira do Algarve as operárias contrapuseram às exigências ilimitadas do patronato e à sua exploração revoltante uma firme disposição de luta. Numa noite, cerca das duas da madrugada, apesar da sirene não ter tocado, as 400 operárias abandonaram o trabalho e dirigiram-se para os portões.

(continua na 3.ª pág.)

DEMOCRACIA para os trabalhadores

No decurso do corrente ano, os povos soviéticos e a classe operária do mundo inteiro celebraram o 50.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Ao preço da mais dura luta, sob a direcção do Partido Comunista da União Soviética, os trabalhadores russos destruíram o sistema capitalista e instauraram o Estado operário e camponês, a democracia para os trabalhadores.

O que caracteriza a democracia socialista? O que caracteriza o poder soviético?

Abolindo a propriedade privada dos meios de produção, nacionalizando a indústria, os caminhos de ferro, as minas, os bancos, entregando a terra a quem a trabalha, a Revolução Socialista de Outubro tornou possível a mais ampla participação das massas laboriosas da cidade e do campo no usufruto da produção colectiva e na vida política, económica e social do novo Estado Socialista.

Os operários e camponeses são as classes da nova sociedade, saída da Revolução Socialista de Outubro. São os trabalhadores da cidade e do campo que constituem os órgãos de Estado da Democracia socialista. Todos os cidadãos soviéticos maiores de dezoito anos têm direito a voto, isto é, podem eleger e ser eleitos.

Nas últimas eleições para os Soviéticos Supremos de 15 Repúblicas, realizadas em Março passado, todos os candidatos, num total de 5.829 — dos quais 1.840 sem Partido — obtiveram uma esmagadora maioria de votos, entre 99,64 na Estónia e 99,98 na Geórgia. Estes números testemunham a estreita ligação entre os órgãos dirigentes do Estado e a massa dos eleitores, de jurem o verdadeiro carácter da Democracia Socialista.

A República Socialista Federativa da Rússia, que conta 127 milhões de habitantes, possui 81 milhões 498 mil eleitores. Nas últimas eleições apenas 50.000 habitantes se abstiveram e 200.000 votaram contra os candidatos, criando o seu nome da lista ou substituindo-os por outros.

Sob o impulso da Revolução Socialista de Outubro os trabalhadores soviéticos constroem as bases técnico-materiais do comunismo.

GRANDES CONCENTRAÇÕES NA CARRIS MILHARES DE OPERÁRIOS reclamam aumento de salários

Unidos como um só homem, milhares de operários da Carris de Lisboa reclamaram firmemente, em três concentrações sucessivas, em Santo Amaro e no Arco do Cego, o aumento de salário a que têm direito.

Na primeira concentração, em Santo Amaro que reuniu, num escasso 15 minutos, cerca de 2.000 trabalhadores, a Administração foi apanhada desprevenida. Primorosamente organizada,

esta acção reivindicativa alarmou o administrador-chefe que tentou esquivar-se, mas viu-se bloqueado no seu carro por milhares de vontades indomáveis. Forçado, assim, a ouvir as justas reivindicações dos operários, aquele tomou finalmente o compromisso de se iniciarem brevemente conversações entre os trabalhadores e o patronato para ser discutido o aumento de salários.

Mas a hipocrisia patronal não tardou a desmascarar-se. Quando milhares de operários, em nova concentração massiva, superior à anterior, voltaram a reclamar maiores salários, em vez das prometidas discussões e do aumento, tiveram de afrontar a repressão policial. Chamadas pela Administração e pagas por ela, as forças repressivas não conseguiram intimidar os trabalhadores com a sua permanência ameaçadora durante alguns dias em Santo Amaro.

Pela terceira vez, mas agora acompanhados por suas mulheres e filhos, armados com a força da unidade e da razão, os valentes operários voltaram a concentrar-se. Mais directamente atingidas pelas privações e sofrimentos que os baixos salários e a carestia da vida semeiam nos seus lares, as mulheres tomam o seu lugar de combate ao lado dos maridos e familiares.

Ante a crescente miséria nos seus lares, os trabalhadores vêm que os negócios da Companhia

(continua na 3.ª pág.)

O diálogo é necessário como factor de unidade

Os insistentes boatos sobre uma remodelação ministerial, que desde há meses caracterizavam a campanha do inimigo destinada à divisão e ao imobilismo das forças democráticas, reduziram-se às suas verdadeiras proporções: no ministério das Obras Públicas, Arentes e Oliveira, um fiel servidor dos monopólios, foi substituído por um testa de ferro dos monopólios, Machado Vaz, presidente do conselho de administração da C.ª Hidroeléctrica do Cávado e da C.ª Hidroeléctrica do Douro.

Será esta mudança de ministros uma medida de «liberalização» do regime?

Um outro facto recente assinala a vida política do fascismo: a inauguração, no Porto, da sede da comissão distrital da União Nacional.

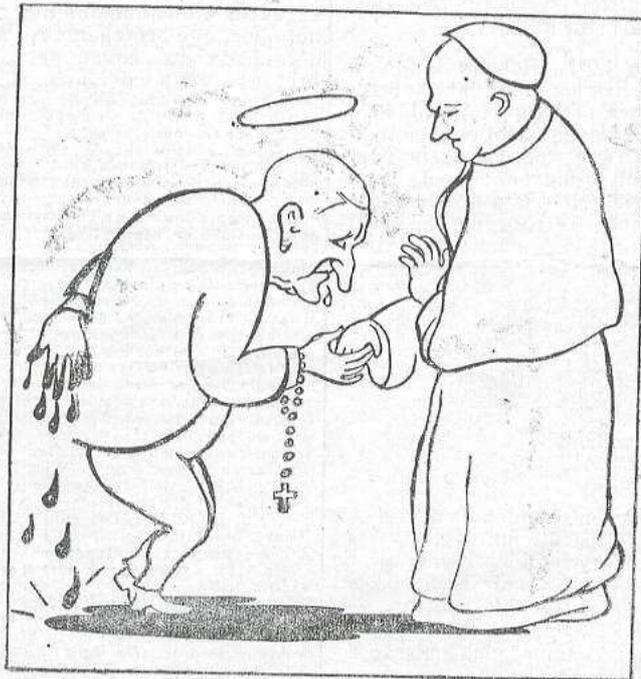
Esse acto público não marca um afrouxamento na orientação da política salazarista, embora assinala as dificuldades e as contradições que a dominam. Nele se reafirmaram a fidelidade aos princípios fundamentais da ditadura, a mobilização de esforços e a imperiosa necessidade de reforçar as fileiras fascistas e a sua unidade interna, a par da denúncia policial, feita pelo ministro do interior, da actividade cultural progressiva, da acção das forças democráticas, das posições de firmeza e de coerência da nossa juventude, que se desenvolvem e ganham alento, mau grado a existência do fascismo e a sua acção obscurantista.

A denúncia pública, por parte dos responsáveis fascistas, das actividades que escapam à sua orientação e controle, tem implícita a acção imediata da polícia política e o reforço das medidas de coacção e de terror.

É evidente a crise que o regime atravessa. As suas dificuldades acrescentam-se e reflectem-se de vários modos nas suas próprias fileiras. Mas é um erro grave, pago com pesados sacrifícios pelo povo português, aguardar que o jogo das contradições internas do fascismo leve a uma solução espontânea do problema político nacional, através da acção dos chamados «fascistas de

(continua na 2.ª pág.)

AINDA A VISITA DO PAPA



13 DE MAIO EM FÁTIMA
Perdão sem arrependimento

Para vencer as dificuldades e o atraso do País

MUDANÇA DE POLÍTICA E DE GOVERNO

As dificuldades económicas e financeiras que se vêm assinalando nos últimos tempos nalgumas indústrias e a aguda crise em que se debate a agricultura, são o fruto directo de uma política anti-nacional inteiramente subordinada aos interesses dos monopólios estreitamente ligados ou fundidos, ao capital financeiro internacional.

A indústria tradicional vivia do crédito a curto prazo, que representava em muitos casos quase o capital das empresas. Restringido ou suprimido este, mesmo temporariamente, logo os pequenos e médios industriais come-

çam a dançar na corda em equilíbrio instável, dando uma parte deles com as costas em terra.

Na agricultura as coisas não se apresentam com melhor cariz. Pelo contrário. Em 1966, a produção de trigo estagneou, houve decréscimo na do centeio e batata; as produções de vinho e azeite foram quase ruinosas e a de cortiça sofreu grande quebra. Só a do milho e arroz tiveram pequenos aumentos.

A agricultura portuguesa é aquela que na Europa emprega menos adubos químicos por hectare.

de alimentação e bebidas atingiram as metas fixadas pelo plano.

O produto nacional bruto cresceu apenas de 3 a 4% (estimativas), contra 7%, em 1965. Este crescimento, como vimos atrás, não resultou dum aumento da produção de bens de consumo, mas sim do turismo e outros ser-

viços. Esta situação e as dificuldades financeiras defrontadas por muitas empresas, provocam forte contracção nas cotações dos títulos de rendimento variável nos últimos meses de 1966, o que indica que a economia nacional está doente.

REFORÇO DA ORGANIZAÇÃO E DA LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

Uma tal situação não pode deixar de provocar a curto prazo a agudização das contradições entre o mundo do trabalho e o capital, assim como das contradições que opõem todas as classes e camadas da população não monopolistas ao poder dos monopólios, personalizado no governo fascista de Salazar. São pois de prever o aumento do descontentamento popular e a eclosão de lutas de massas mais ou menos espontâneas. Os militantes e organizações do Partido devem ter isto em conta, estudar a situação, tomar medidas práticas de organização apropriadas para cada caso concreto, a fim de mobilizar a classe operária e as massas trabalhadoras e imprimir às suas lutas um carácter organizado.

A situação política nacional processa-se no sentido de um agravamento das dificuldades do regime, sendo de prever como inevitáveis ataques mais ou menos brutais dos monopólios e do governo de Salazar contra as já

baixas condições de vida do povo português e péssimas condições de trabalho dos trabalhadores, assim como são de esperar novos ataques contra os interesses da pequena burguesia e de largos sectores das classes médias.

A luta organizada da classe operária, o reforço e alargamento da sua organização e unidade à medida que se processam as lutas pelas suas reivindicações, é condição indispensável para incentivar outros trabalhadores da cidade e do campo a organizarem-se, a unirem-se e a lutarem pelos seus interesses de classe. A organização, a unidade e a combatividade da classe operária são premissas indispensáveis para unir, organizar e levar ao combate as largas massas populares da cidade e do campo pelas suas reivindicações imediatas mais sentidas, contra o poder dos monopólios, pela conquista da liberdade política, pelo derrubamento da ditadura fascista de Salazar.

INDÚSTRIAS AFECTADAS PELA POLÍTICA FASCISTA

A orientação do governo para que os industriais apetrechassem e dessem maior dimensão às suas fábricas, para poderem competir em condições vantajosas no mercado nacional como nos mercados estrangeiros, as promessas de créditos, levaram muitos, menos avisados, a acreditar, gastando o que tinham e o que não tinham, sem que tenham podido ir até ao fim.

O reduzido apoio financeiro; a inexistência de mercados constantes, pelo baixo nível de vida do povo português, em especial pelo atraso da agricultura e a miséria reinante nos campos; a instabilidade dos mercados internacionais, afectaram seriamente algumas indústrias como a têxtil, conservas de peixe e construção, deixando algumas empresas em sérias dificuldades de solvibilidade.

No Porto, rua do Breiner, abriu falência uma empresa têxtil com

um passivo de 50.000 contos, faliu igualmente a « Empresa Fabril da Cuca Lda » de Moreira dos Cónegos (Guimarães), com 700 operários; com cerca de 1.000 operários encerrou as suas portas a Fábrica Figueiredo, de Santo Tirso; por sua vez a « Fábrica de Fiação e Tecidos de Delães », de Vila Nova de Famalicão e a de Casas & Filho, da Senhora da Hora (Matosinhos) e outras, chegam a estar 4 e mais semanas sem pagar os salários aos operários. Com fábricas de conserva de peixe e barcos em Matosinhos e Setúbal, a firma António e Francisco Serrano abriu falência com um montante de letras e livranças no valor de 250 a 240 mil contos. Com um défice de cerca de 200 mil contos a empresa Obras Públicas de Cimento Armado (O.P.C.A.) foi tomada pelos credores.

A produção industrial no seu conjunto foi, em 1966, de prática estagnação.

CONJUNTURA ACTUAL DEPRESSIVA

A conjuntura actual mostra-se depressiva. Muitas empresas revelam fortes sintomas de falta de liquidez. Tudo deixa prever novas e maiores restrições no crédito às empresas não monopolistas e aos agricultores do que resultarão novas e maiores dificuldades para os mais débeis, novas falências, encerramentos de mais algumas fábricas e absorção de outras pelos grandes potentados da indústria e da banca, fuga dos campos para as cidades e emigração para o estrangeiro. O desemprego temporário e efectivo é uma perspectiva real.

Em 1966, o crescimento médio das indústrias transformadoras

foi de 1,2%, ficando longe dos 9,5% fixados pelo Plano Intercalar para aquele ano. Às indústrias têxtil, de vestuário e calçado, de madeira e cortiça, assim como as metal-mecânicas e de material eléctrico, isto é, as mais importantes retrogradaram em relação a 1965. Apenas as indústrias



Transmite todos os dias das 8 às 8,30 em 19 metros; das 20 às 22 horas em 25 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 19, 20 e 25 metros.

Aos domingos uma emissão especial dedicada aos camponeses vai para o ar das 15 às 15,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

O diálogo é necessário como factor de unidade

(continuação da 1.ª pág)

esquerda», dos homens dos monopólios, que pretendem retocar a fachada do regime para lhe prolongarem a existência.

Os democratas que acitam e preconizam um tal ponto de vista não crêm na capacidade revolucionária das massas. Aguardam a « liberalização do regime » como solução mais provável. Deixam o crédito que concedem à campanha de boicots lançados pelo fascismo.

Tais democratas não se colocam apenas numa posição de expectativa. Participam clara e veladamente em manobras anti-unitárias, procuram exercer uma acção de hegemonia no movimento democrático tentando colocar este a reboque dos fascistas de esquerda, na esperança de que eles operem uma mudança pacífica na situação, evitando deste modo a participação decisiva das massas trabalhadoras na luta pelo derrubamento da ditadura.

São esses democratas que fomentam ilusões sobre um pretensso apoio à luta contra o governo salazarista pelos agentes do imperialismo e dos monopólios capitalistas como Wilson, Brown e Willy Brandt. As posições conciliatórias defendidas e praticadas no domínio interno não podem deixar de reflectir-se nas atitudes e nas concepções ilusórias sobre as forças políticas que à escala internacional apoiam a luta dos democratas contra o regime fascista.

Somos pela unidade das forças anti-fascistas, na base de uma plataforma comum. A unidade que o Partido Comunista Português preconiza não está ultrapasada, como o afirmam alguns democratas, que em seu lugar preconizam a União. União sob que base? A união não é uma palavra ambígua.

União significa fusão de esforços, objectivos definidos e comuns, cimentados em formas orgânicas e duradouras. Não significa divisão, duplicidade de atitudes e de objectivos, fuga a uma acção conjunta contra a ditadura fascista. Não significa a prática do anti-comunismo e de uma política de descriminação que tenta arredar o Partido do proletariado de uma ampla frente de luta.

A acção do Partido Comunista Português visa criar essa larga frente de luta, onde cabem todos os anti-fascistas e patriotas que querem derrubar o fascismo e conquistar a liberdade política.

Como repetidas vezes o temos afirmado, o Partido Comunista Português, não pretende impôr o seu programa e os seus conceitos fácticos às outras forças democráticas. Pretende estabelecer com elas um diálogo franco e aberto, um confronto de ideias, que possibilite e elabore de uma plataforma comum de acção, que permita reforçar e alargar a unidade e pôr fim ao vergonhoso domínio da ditadura.

Comunistas, socialistas, católicos progressivos, liberais, patriotas sem filiação partidária podem e devem dialogar, com sinceridade e lealdade, sobre os assuntos fundamentais para os destinos da pátria, para a defesa da sua independência, para a conquista da liberdade, para a instauração da democracia.

Partido da classe operária e do povo trabalhador defendemos intransigentemente a posição de que não é possível destruir o fascismo e construir o democracia, sem uma participação activa da classe operária e do seu Partido, sem o desenvolvimento e organização das lutas de massas.

Em volta da unidade e da luta da classe operária se forja e desenvolve a unidade e a luta das outras camadas da população, das forças democráticas e patrióticas.

Cuidado com eles

CAPELA, agente da PIDE, mora no lugar das Cruzes, na freguesia de Santo André de Candeio. A mulher é empregada no Posto da Caixa de Previdência de Santo Ovídio. Tem um carro com a matrícula LE — 16 — 50.

Organizando-se e lutando unidos os trabalhadores vencem

Grandes concentrações NA CARRIS

(continuação da 1.ª pág.) atingem proporções gigantescas: multiplica-se o número de autocarros da Carris, no valor de muitos milhares de contos; os lucros desta empresa crescem fabulosamente, à custa da exploração dos trabalhadores e do povo de Lisboa.

Por isso, a Carris pode pagar mais e quanto antes. Agora, que este monopólio inglês se prepara para lançar novo assalto às magras bolsas do povo trabalhador tramando com as autoridades salazaristas um aumento de bilhetes dos autocarros, não deixará de procurar relegar para segundo plano, arrastando o mais possível, as justas reivindicações dos operários. É necessário pois, toda a vigilância e firmeza. Os trabalhadores não podem admitir sequer que os exploradores da Carris se refiram aos aumentos dos bilhetes de autocarros como condição para o aumento dos seus salários. Tal condição deverá ser sempre enérgicamente repudiada.

Os operários da Carris e o povo trabalhador têm interesses comuns. Iniciativas já tomadas são disso testemunho. Em recentes inscrições abundantemente espalhadas, os operários da Carris puderam ler: «Camarada, não cortes bilhetes no dia 28 de Maio!» O povo português, por seu lado, saberá encontrar as formas adequadas para manifestar a sua solidariedade à luta dos trabalhadores da Carris.

Na actual fase da luta, as concentrações massivas são o melhor caminho e os operários mostram que sabem escolhê-lo acertadamente. Mas para vencerem a resistência patronal, fortalecida pela repressão fascista, novas lutas terão de ser travadas. Saber defrontar com coragem as

forças repressivas é condição essencial para a vitória. Enquanto defendem pacificamente os seus direitos, os operários da Carris devem gritar às forças policiais:

— «Fora daqui! Não queremos desordens! Defendemos o nosso pão!».

A fim de unirem e coordenarem as suas acções, os trabalhadores devem criar e multiplicar com rapidez comissões de unidade e outros grupos de trabalhadores, com os companheiros mais firmes e combativos. As mulheres, com a sua decisão e coragem devem também participar cada vez mais activamente na luta.

Operários da Carris! A unidade e a organização são as vossas melhores armas. Reforçai-as, pois, insistentemente. Avante na luta, com tenacidade e audácia!

Os trabalhadores da imprensa DEVEM RETOMAR A LUTA mais unidos, organizados e activos

Depois de várias diligências no sindicato, Ministério das Corporações e do patronato, os trabalhadores da imprensa de Lisboa conseguiram que entre o Sindicato e o Grémio patronal se elaborasse e aprovasse um novo contrato colectivo de trabalho, em substituição do que vigorava desde há 17 anos (!) No dia seguinte, porém, o patronato rompia os compromissos assumidos, desautorizando assim o ministro das Corporações e informava através da imprensa diária que só depois de todos os padrões se pronunciarem e estudadas convenientemente todas as sugestões, seria dado início à discussão do citado contrato e posteriormente se procederia à sua assinatura. Isto comprova que o governo actual não é outra

coisa que o governo dos monópolos e que são estes que dispõem como entendem.

Um tal facto sucedeu porque a organização e a unidade dos trabalhadores de imprensa foi e é deficiente, as acções empreendidas antes e posteriormente ao acordo agora rompido não tiveram a largueza, continuidade e firmeza necessárias para impôr aos patrões mais rapidez na satisfação das reivindicações dos trabalhadores e respeito pelos compromissos tomados.

Não há que confiar em boas vontades do patronato. A luta de massas é o único argumento que eles entendem e os faz recuar. Os trabalhadores devem confiar apenas neles próprios, na sua organização e unidade — na sua força.

O GRANDE ARGUMENTO É A UNIDADE E A LUTA MASSIVA

Há mais de dois anos que está em estudo um novo contrato colectivo de trabalho para os motoristas. «Até quando teremos de esperar?», perguntam alguns motoristas.

Terão de esperar relativamente pouco tempo se os motoristas se lançarem audaz e imediatamente na acção, organizando nas praças de táxis, nas garagens, nas localidades e regiões Comissões compostas pelos mais firmes e corajosos para coordenarem essa acção, que deve ser unida e massiva para conduzir ao sucesso rápido.

O horário de trabalho de 8 horas há muito que não é respeitado

ou não existe mesmo para muitos motoristas, como não existe qualquer fiscalização de trabalho.

Os industriais de táxis auferem lucros que chegam a atingir os 100%, mas lamentam-se de que o negócio não dá, reclamando novos aumentos das tarifas. Houve já quem admitisse o aumento de 100% por cento no preço da bandeirada. O negócio não dá mas é conhecido que se têm negociado direitos à praça por 400 e mesmo 500 contos (!).

Apoiado pelos senhores do ministério das corporações, o patronato tem-se oposto à elaboração de um novo contrato, a um aumento geral de salários com-

patível com o aumento sofrido pelo custo de vida, ao cumprimento do horário de trabalho porque, há que dizê-lo, não tem encontrado pela frente a massa dos motoristas unida, organizada em Comissões de Unidade ou por outras formas, disposta a lutar com determinação pelas suas reivindicações e pelos seus direitos, quer manifestando o seu descontentamento nas praças e garagens, quer indo em massa aos sindicatos e ali discutindo em assembleias o que querem e como querem que sejam resolvidos os seus problemas, quer indo ao Grémio e ao ministério das Corporações reclamar mais pressa na solução dos seus problemas. Se estas diligências não chegarem para convencer os exploradores, os motoristas têm ainda outras armas ao seu dispor: a «cega» sob diversas formas, paralisações de trabalho de curta duração — A GREVE!

AS CONSERVEIRAS VOLTAM À LUTA

(continuação da 1.ª pág.)

Ao gerente que tentava detê-las com as palavras: «Vamos para o trabalho» as conserveiras responderam vivamente: «Vamos mas é para casa».

Desde então, as operárias não voltaram a trabalhar depois daquela hora.

Eis uma prova do valor da unidade, da firmeza e da combatividade das mulheres trabalhadoras na luta contra a exploração e pela conquista dos seus direitos.

As concentrações no sindicato as conserveiras devem associar a luta nas empresas, através de concentrações junto da gerência, de pequenas e grandes paralisações de trabalho, através da greve e de manifestações de protesto.

A vitória alcançada pelas operárias da Feu e da União Conserveira, deve ser defendida de possíveis arremetidas do patronato. Firmes e vigilantes, reforçai a vossa unidade e organização e prossegi na luta contra a exploração e pela conquista das vossas reivindicações.

CONSERVEIRAS E CONSERVEIROS! ADIANTE NA LUTA SINDICAL

Estiveram recentemente reunidos os presidentes dos Grémios e dos Sindicatos Conserveiros, que afirmaram mais uma vez ir ser discutido o problema dos salários dos trabalhadores da indústria de conservas.

Mas as operárias e operários conserveiros sabem que os capitalistas das direcções dos grémios, que os industriais e os lacaios do patronato e do fascismo anichados nas direcções dos sindicatos, não se dispõem a defender os interesses vitais dos trabalhadores. Eles preparam-se para adiar mais uma vez a solução dos problemas do pessoal da indústria das conservas, acenando-lhes, como já o fizeram o ano passado, com a promessa de aumento de salários. Eles pretendem, deste modo, adormecer o espírito de luta dos trabalhadores.

Conserveiras e conserveiros! Forçai-os a cumprir as promessas! Organizai a luta e lançai-vos

nela! Constituí em todas as fábricas comissões sindicais, formadas por homens e mulheres da vossa confiança. Promovei concentrações nos sindicatos e junto da gerência das empresas. Exigi a realização de assembleias sindicais, onde todos os trabalhadores possam discutir os seus problemas. Reclamai a rápida assinatura do Contrato Colectivo de Trabalho, discutido e aprovado por vós, no qual sejam inscritas as vossas reivindicações de aumento de salários, pagamento das horas extraordinárias, garantia de trabalho semanal assegurado, entrada do pessoal adventício no quadro permanente, pagamento do tempo em que estão parados, férias pagas para todas as trabalhadoras, melhoria das condições de trabalho, abolição do sistema de multas e castigos e do roubo de salários.

Adiante, na luta, conserveiras e conserveiros!

Nos seguros o horário de trabalho não deve ser prolongado

As companhias de Seguros preparam-se para exigir o aumento de meia hora de trabalho diário a troco de algumas regalias concedidas aos trabalhadores.

Tenta-se aqui a repetição da manobra que o patronato e o fascismo conseguiram levar a cabo nas negociações havidas entre os Grémios e os Sindicatos bancários. É uma experiência de luta de que os empregados de seguros devem aproveitar.

Por isso a sua intervenção activa no Sindicato torna-se neste momento absolutamente indispensável. Pressionem as direcções sindicais para que dêem prova da maior firmeza, insistindo na realização de assembleias gerais e em grandes concentrações nos Sindicatos, os empregados de seguros não devem aceitar qualquer proposta de aumento do horário de trabalho diário e não admitir sequer que ela seja imposta como condição para serem atendidos as suas justas reivindicações.



A CRISE NO MÉDIO ORIENTE

Subsistem os perigos de guerra no Médio Oriente, continua ameaçada a paz no mundo. Repetem-se os incidentes entre tropas israelitas e egípcias. A presença das forças armadas de Israel no território dos países árabes é um factor de perturbação que pode reacender o conflito naquela região do globo e transformá-lo numa guerra de proporções mundiais.

Justifica-se plenamente a posição tomada pela União Soviética e os outros países socialistas desde o início da configuração no Médio Oriente, condenando o Estado de Israel como agressor e exigindo a retirada imediata e incondicional das suas tropas dos territórios ocupados, que hoje abarcam uma área quatro vezes maior do que a do Estado de Israel.

Apesar da condenação pública da agressão israelita por um grande número de países na Assembleia Geral Extraordinária da ONU, os governantes de Israel, apoiados pelos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental e outras potências capitalistas, reafirmam os seus propósitos expansionistas; tomando um conjunto de medidas que demonstram a intenção do Estado de Israel de se apoderar da parcela dos territórios árabes por ele ocupados e de aí impor definitivamente o seu domínio.

O imperialismo não se conforma com o vitorioso movimento de libertação dos povos árabes. Os regimes da Síria e do Egipto, nascidos de revoluções anti imperialistas tornaram-se particular objecto do seu ódio. Daí as intrigas, o constante fomento de conspirações e rebeliões, os planos de agressão militar.

Nas suas tentativas para sufocar o movimento de libertação dos povos árabes no Médio Oriente, os imperialistas norte americanos e seus comparsas ingleses e oeste alemães encontraram um instrumento no governo reaccionário de Israel, que, em vez de procurar o entendimento e uma solução com os países árabes, julga poder realizar planos de expansão, servindo de ponta de lança do imperialismo.

Entre os povos é sempre possível a busca pacífica de soluções para os seus problemas. Isso também é válida para os povos árabes e o povo de Israel. O conflito resulta da política de intervenção e de agressão do imperialismo apoiado no governo reaccionário de Israel, que apoia por sua vez.

Ao tomar-se posição pela causa da independência nacional da Síria e do Egipto não se toma posição contra o povo de Israel, nem contra a existência do Estado de Israel. Muito menos isso significa, como gritam na sua propaganda os imperialistas com o fim de ganharem

adeptos para a sua política contra o movimento de libertação dos povos árabes, uma posição anti-semita! Nós condenamos veementemente as monstruosas perseguições e massacres de que o povo judeu foi vítima. Apreciamos altamente os homens progressivos que esse povo tem dado à cultura e à ciência, à luta revolucionária mundial. O que acusamos, na crise do Médio Oriente, é o imperialismo e os seus agentes. O que apoiamos é o direito da Síria e do Egipto à verdadeira independência nacional e o movimento nacional libertador dos países árabes, que no conjunto mundial avança nas primeiras linhas da luta anti-imperialista.

Na sua luta contra o imperialismo, a Síria e o Egipto, o movimento de libertação dos povos árabes têm a seu lado a União Soviética, o campo socialista, a classe operária de todos os países, como o comprovam a convocação da Assembleia Geral Extraordinária da ONU, a posição nela tomada pelos países socialistas, a viagem de Podgorny ao Egipto, Síria e Iraque, a ajuda substancial no domínio económico, técnico e militar concedida pela União Soviética e os outros países socialistas aos povos árabes, como o comprovam as manifestações de protesto dos trabalhadores do mundo inteiro contra a agressão dos imperialistas no Médio Oriente.

Os acontecimentos mostram a razão da tese defendida pelo Partido Comunista Português na Conferência de Kerlovi Vári, segundo a qual a luta pela paz e a segurança na Europa não pode ser bem sucedida apenas no quadro europeu, pois está intimamente ligada à luta contra a política expansionista de dominação colonial e de agressão militar do imperialismo noutras regiões do mundo. A crise do Médio Oriente não pôs apenas em perigo a paz nesse região. Ela pôs em perigo a paz na Europa e a paz mundial.

Uma paz duradoura no Médio Oriente, a solução pacífica dos problemas existentes, a segurança na Europa e a paz mundial exigem que cesse a política de intervenção e agressão do imperialismo contra o movimento de libertação dos povos árabes e antes de mais, contra os regimes da Síria e do Egipto.

Aliado activo das potências imperialistas, o governo de Salazar colabora na política de agressão contra os povos, quer pela sua participação no bloco agressivo da NATO, quer pela guerra que conduz em África, quer pela existência de bases militares estrangeiras em território nacional, que servem os planos dos fomentadores de guerra dos Estados Unidos e da Alemanha Federal.

DINIZ MIRANDA, GRACIETE CASANOVA E MANUEL GONÇALVES NAS MÃOS DOS ASSASSINOS DA PIDE

Cairam recentemente nas mãos da PIDE três combatentes de vanguarda: Diniz Miranda, Graciete Casanova e Manuel Gonçalves. Os três estão sendo submetidos a torturas. A PIDE prepara-se para cometer novos crimes. Salvemo-nos.

Diniz Miranda, operário agrícola de Montoito, tem a sua vida ligada à luta pela defesa dos trabalhadores rurais, ao combate da juventude pelo Pão, pela Liberdade e a Cultura, pois foi membro do MUD Juvenil e da sua Comissão Central. Detido em 1955, selvaticamente torturado, vítima de violências impressionantes, incluindo a contorção dos testículos, Diniz Miranda resistiu corajosamente aos criminosos processos da PIDE. No tribunal Plenário do Porto, transformou-se de acusado em acusador denunciando as torturas e as longas horas de martírio de todos os seus

companheiros de então. Uma vez libertado voltou à luta. Detido de novo, Diniz Miranda conseguiu evadir-se com Manuel Gonçalves, trabalhador rural como ele, da prisão de Paços de Ferreira. Ambos retomaram desde logo os seus postos de combate em defesa dos trabalhadores e do povo.

Graciete Casanova, há muito procurada pela PIDE, foi detida em Lisboa. A sua família só a conseguiu visitar 15 dias depois, encontrando-a com sinais evidentes de estar a ser torturada.

Salvemos a vida destes três patriotas! Desenvolvamos uma ampla campanha de solidariedade e de protestos, para que cessem as torturas de que são vítimas. Exijamos a sua imediata comunicabilidade e a visita regular dos seus familiares e advogados.

É preciso deter o braço assassino da PIDE!

IX Congresso
da U.I.E.

SOLIDARIEDADE À LUTA dos estudantes portugueses

A União Internacional dos Estudantes realizou na capital da República Popular da Mongólia o seu 9.º Congresso. Este facto reveste-se de importância excepcional, dada a larga actividade dessa prestigiosa organização internacional e as resoluções que tomou.

Consequente na sua solidariedade à luta dos estudantes portugueses, o 9.º Congresso da U.I.E. aprovou uma resolução em que se condena a política obscurantista do fascismo na Univer-

sidade, a repressão à actividade do movimento estudantil português que impede o desenvolvimento democrático das associações dos estudantes e a criação de novas associações. A resolução denuncia a lei que permite o envio dos patriotas portugueses, entre os quais há estudantes, para os campos de concentração em África, assinala o significado revoltante das «medidas de segurança», condena a imposição de comissões administrativas nas associações das Universidades de Coimbra e da Faculdade de Ciências de Lisboa. A resolução do 9.º Congresso da U.I.E. ataca a política colonialista do governo, a repressão aos estudantes e reafirma a sua total solidariedade à luta que aqueles estão travando, considerando o caso particularmente grave do dirigente estudantil José Bernardino, que continua preso, com a pena cumprida, pela aplicação das medidas de segurança. O 9.º Congresso apelou para todos os membros da U.I.E. para que desenvolvessem uma campanha pela libertação de José Bernardino.

Exigimos tratamento humano para os presos!

O «Avante» de Maio alertou para o regime de violências e de castigos na Fortaleza de Peniche. Logo a seguir veio a confirmar-se o nosso receio de mais graves acontecimentos. As provocações continuaram e perante as cartas de protesto dos familiares dos presos, os carcereiros, raivosos, tornaram o ambiente insustentável e pleno de ameaças. Famílias houve que se viram proibidas de visitar os seus entes queridos presos. Estes lançaram então por 8 dias um movimento de

protesto, unanimemente seguido, como aviso. A resposta dos, esbirros foram castigos, diminuição de duas para uma hora da duração das visitas, etc.

As doenças de Blanqui, Lindolfo, Aboim, Gregório, J. Carlos e Saboga mais se agravaram, sem que as medidas para um tratamento urgente e eficaz tivessem sido tomadas pelos fascistas.

Por sua vez em Caxias, Sofia Ferreira, Natália, Albina, Olivia e tantas outras, algumas com as penas já cumpridas, ploram tam-

bém dos seus padecimentos. Lígia Calapez sofre de uma grave doença nervosa que só em liberdade poderá ser tratada. Um despacho recente obriga a que todos os tratamentos, mesmo os mais íntimos, sejam feitos na presença de guardas. A esta ofensa à dignidade têm respondido com a maior resistência estas corajosas filhas do povo português.

De novo tornamos a apelar: em diligências e abaixo assinados aos ministros, juizes, etc., exigi que cessem as provocações e castigos em Peniche, o tratamento de todos os presos doentes, a libertação de Pires Jorge, Dias Lourenço, Blanqui, Peto e outros destacados dirigentes da classe operária. Reclamai uma Amnistia geral para os presos políticos!

SOLIDARIEDADE ÀS CRIANÇAS DO VIETNAM

Combate às forças que fomentam a guerra. Combate aos agressores americanos que dilaceram a terra do Vietnam.

Até final de 1966 subia a 250 mil o número de crianças vietnamitas sepultadas pela agressão dos Estados Unidos no Vietnam-comitório da infância do imperialismo, do mais infame dos sistemas políticos.

Milhares de crianças, em zonas regadas com produtos químicos e gases tóxicos sucumbem ao suplício da mais atroz morte lenta. Membros despedaçados, cabeças estoiradas contra as paredes ou queimadas vivas, expressamente na presença de suas mães prisioneiras; dizimadas pelos bombardeamentos em hospitais, igrejas, em pleno sono ou a caminho da escola, o suplício das crianças vietnamitas é um brado de dor, de acusação e de revolta lançado contra os imperialistas americanos, é um apelo emocionante a todos os

homens de pensamento generoso, às mulheres e à juventude do mundo, para que ajam com mais decisão em favor do Vietnam heróico.

Aos pequeninos irmãos vietnamitas podem os nossos filhos testemunhar a sua viva solidariedade, unilencio os seus protestos aos dos trabalhadores, dos estudantes, dos intelectuais e das mulheres de Portugal.

Que das escolas, dos bairros, das fábricas, dos campos, das aldeias de Portugal irradie milhares de mensagens, de cartas de solidariedade às crianças do Vietnam, ao povo do Vietnam. Que milhares de abaixo-assinados, cartas, postais, telegramas cheguem à embaixada, consulado e organizações norte-americanas, protestando contra a agressão dos Estados Unidos e os crimes monstruosos de que são vítimas as crianças do Vietnam.

Mais iniciativa na recolha de fundos

No apelo da Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português para a intensificação da recolha de fundos, assinalava-se a todos os militantes e simpatizantes que este problema deve ser permanentemente considerado como um problema político de capital importância.

Uma tal orientação traduz-se, na acção prática, pelo desenvolvimento do espírito de iniciativa em todos os escalões do Partido, com o objectivo de encontrar formas novas e eficazes de aumentar as receitas do Partido nas fabri-

cas, nas empresas, nos locais de trabalho, entre a juventude, as mulheres e os intelectuais progressivos, entre os numerosos simpatizantes e amigos do Partido.

A Comissão Executiva apelou para a capacidade de iniciativa de cada comunista, de cada trabalhador de vanguarda, de cada amigo do Partido, para que multipliquem esforços, organizem novos meios de recolha de fundos, saibam encontrar, por cada situação, por cada local de trabalho, as formas práticas de acção, que permitam aumentar substancialmente as receitas do Partido.

Mais iniciativa, mais audácia, mais persistência, mais trabalho organizado para uma melhor recolha de fundos.